

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

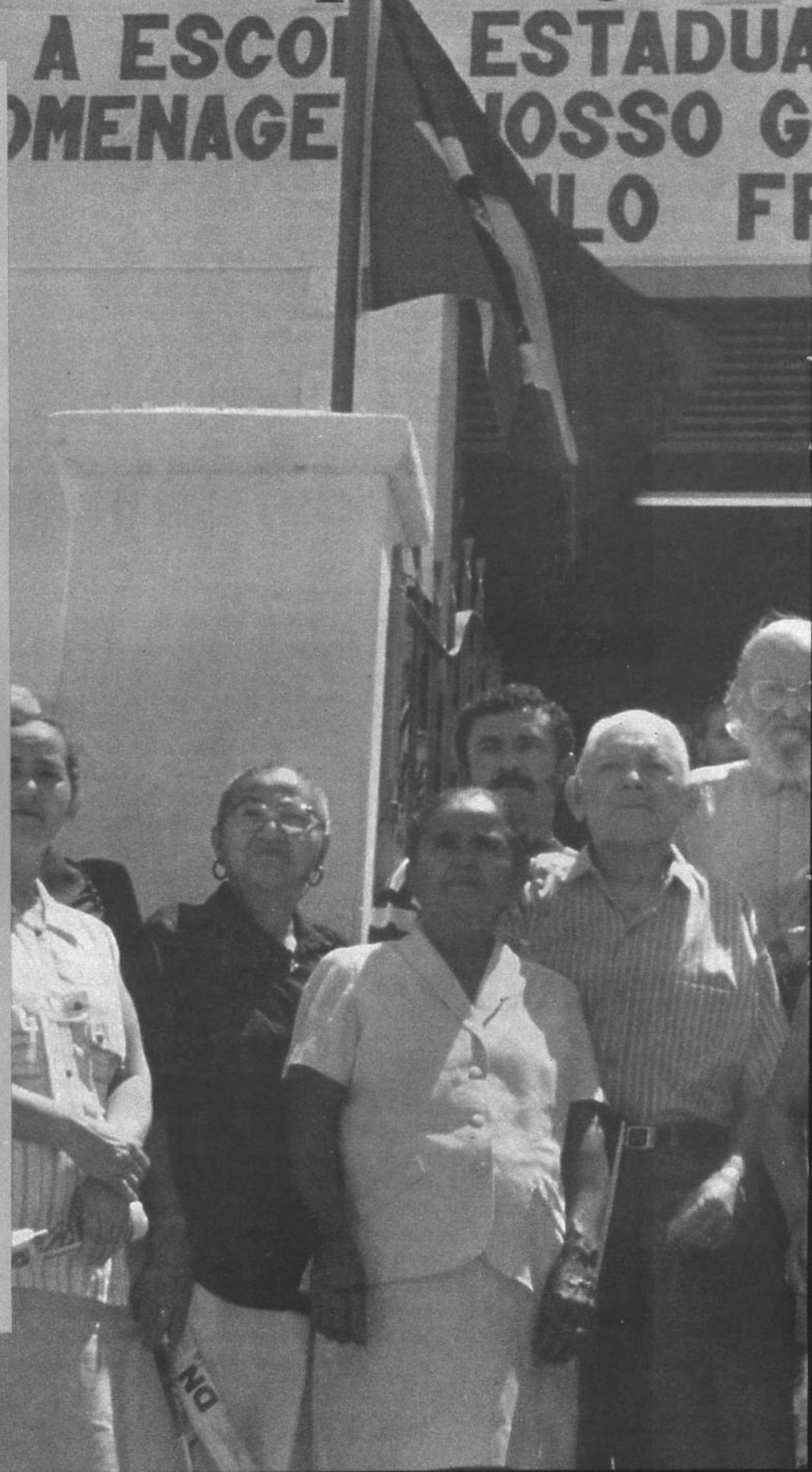
acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

O mestre da esperança

Antes de Paulo Freire, adultos e crianças de qualquer classe social eram alfabetizados pelos mesmos métodos. Mas, por ter sido criado no meio do povo e conhecer sua linguagem, ele conseguiu perceber que Ivo viu a uva não serviria para motivar operários a aprender, objetivo de seu trabalho. Era preciso partir da vivência de cada um. Criou, então, mais do que um método: uma teoria do conhecimento, que partia de palavras geradoras da vida dos trabalhadores. A mais importante de suas experiências realizou-se em 1963, em Angicos, no Rio Grande do Norte: em menos de dois meses e com apenas 40 horas, mais de 300 adultos aprenderam a ler e escrever. A afirmação básica de sua obra é também um brado de esperança: todos os seres humanos são capazes de aprender, porque têm dentro de si o próprio conhecimento. Foi assim que o mundo inteiro conheceu, reconheceu e premiou o maior educador brasileiro.



AL JOSÉ RUFINO
GRANDE EDUCADOR
FREIRE



*Paulo Freire posando para a foto entre ex-alunos,
ano passado, em Angicos.*

Dia de festa em Angicos. O lavrador Antônio Ferreira da Paz, de 52 anos, largou o roçado e vestiu camisa nova. O pedreiro Severino Pires, 33 anos, deixou de lado a obra da escola e se preparou com a mulher, Severina, e a filha, Neide, para o momento histórico. Era 3 de abril de 1963. Mas só às 11h30 daquela manhã seca e quente como as manhãs nordestinas, Antônio, Severino, Severina, Neide e os outros 12 mil habitantes da cidade, tiveram certeza de que ia acontecer o prometido. Àquela hora, desembarcava em Angicos o presidente do Brasil, João Goulart. Ele assistiria à última aula do curso de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire. Em menos de dois meses – 40 horas de aula – 300 trabalhadores daquela cidadezinha, a

150 km de Natal, tinham aprendido a ler e escrever.

Angicos nunca vira tanto doutor junto. Com o presidente, seguira uma grande comitiva que incluía os governadores Miguel Arraes, de Pernambuco; Virgílio Távora, do Ceará; Seixas Dória, de Sergipe; e Aluizio Alves, do Rio Grande do Norte. Celso Furtado, ministro do Planejamento; Teotônio Monteiro de Barros, da Educação; e Eliezer Batista, das Minas e Energia, também estavam presentes.

Seu Antônio já sabia que aquela aula seria diferente: no lugar de um dos 21 professores, o próprio Jango conduziria a turma. Terminada a aula, o presidente da República fez um breve discurso. Lembrou que a educação era uma das metas prioritárias de seu governo, “que se empenha a

fundo em libertar os brasileiros dos grilhões da ignorância, como um imperativo do próprio desenvolvimento nacional”.

Depois de Jango, chegou a vez de seu Antônio brilhar. Pegou o microfone e falou bem alto para todo mundo ouvir: “Há alguns anos, o presidente Getúlio Vargas veio aqui para saciar a fome do povo, e hoje João Goulart chega para saciar a fome da cabeça.”

Seu Antônio nunca foi tão aplaudido. “Eles acharam que eu tinha dito uma coisa muito importante”, comentou mais tarde. Sem saber, tinha formulado a mais completa tradução da experiência de Angicos.

Teoria do conhecimento

O trabalho desenvolvido em Angicos não pretendia se limitar ao

A volta a Angicos, 30 anos depois

Estavam quase todos lá: ex-alunos, ex-monitores, educadores e autoridades. Dia 28 de agosto de 1993, após 30 anos de solidão imposta, Angicos recebia a visita de Paulo Freire. Na mesma sala onde todos se reuniram em 1963 com o presidente João Goulart – para a formatura de 300 alunos alfabetizados em 40 dias por seu revolucionário método de ensino –, o mestre pôde conversar com muitos dos ex-alunos, vários já aposentados, alguns bem idosos. Durante a visita, ele declarou à cidade – que lhe concedeu o título de cidadão honorário: “Em nenhum lugar do mundo onde estive fiquei mais tocado do que aqui e agora.”

Paulo Freire voltou a Angicos para um percurso sentimental pelos principais lugares onde aconteciam as aulas e reuniões do movimento de alfabetização. Estavam presentes oito dos 21 monitores de 1963 – entre os quais, o então secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, Marcos Guerra. Alguns contaram que foram presos e passaram por outras dificuldades depois da experiência de Angicos, considerada subversiva e mais tarde, cancelada.

Muitos ex-alunos também deram seu testemunho, como Manuel Bezerra, hoje com 65 anos, que lembrou do dia em que o governador Aluizio Alves e dois orde-



Em cima: Antônio, que fez o discurso a Jango, na aula, 1963. Aos 81 anos, ele reencontrou o mestre

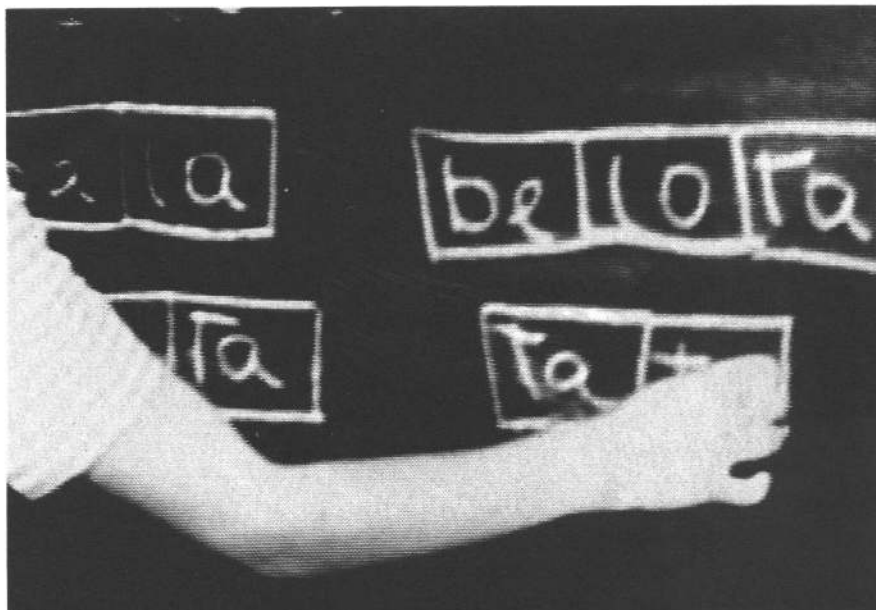
naças foram assistir a uma aula. Ou como seu Antônio, que em 1963 ficou famoso porque fez um discurso ao presidente João Goulart. Aos 81 anos, ele contou que só aprendeu a assinar o nome – não pôde continuar estudando, ocupado com a agricultura. Mas disse

que depois das “19 bocas de noite” com a professora Valdinece, de Natal (na época estudante de Letras, hoje professora da Escola Técnica e presente à visita do mestre), sua vida mudou: passou a fazer contas no papel e já pôde votar nas eleições posteriores. Também contaram histórias, como Severino e sua filha Neide, 36 anos, professora da escola pública que aos 6 anos foi alfabetizada junto com os pais, aos quais ajudava a estudar quando os três chegavam em casa. Neide disse que a experiência influenciou sua escolha profissional e, aos 16 anos, já dava aula no Mobral.

Numa das últimas etapas do passeio pela cidade, a Escola José Rufino, local da famosa aula de João Goulart, alguns ex-alunos quiseram saber por que a experiência não continuou. “Por que o senhor foi preso?” perguntou a Paulo Freire a ex-aluna Idália Marrocos. A verdade é que os alunos nunca tinham entendido a interrupção dos contatos com os monitores, pouco tempo depois do fim do curso. Seu Severino contou que até foi a Natal procurar sua professora, Walkíria, para perguntar o que estava acontecendo. Mas voltou para casa no mesmo dia, depois que ela respondeu: “Não fale mais no assunto. Esqueça isso.” (E.S.)

ensino do beabá. Tratava-se, acima de tudo, de um projeto assumidamente político-pedagógico. A proposta era mostrar ao homem simples sua própria capacidade de gerar conhecimento, fazê-lo discutir seu duro cotidiano, conduzi-lo a questionar e a mudar a injusta realidade social. Enfim, saciar a fome da cabeça. Paulo Freire sempre insiste em dizer que não inventou método algum de alfabetização e se refere ao trabalho que o tornou conhecido mundialmente como uma teoria do conhecimento e da educação libertadora. Para Freire, aprender é um processo natural do homem e uma necessidade tão grande quanto comer. Seu pensamento se inspirou no humanismo, no existencialismo e no marxismo, integrando elementos fundamentais dessas e outras doutrinas filosóficas, “sem repeti-las mecanicamente” como explica o professor Moacir Gadotti, professor de Filosofia da Educação da Unicamp e da USP e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça), autor do livro *Convite à Leitura de Paulo Freire*, entre vários outros. Entre os pensadores que o influenciaram, ou que com ele têm pontos em comum, figuram, numa longa lista, o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, o educador francês Célestin Freinet (1896-1966), o psicoterapeuta americano Carl Rogers, além de John Dewey, teórico da Escola Nova, Bogdan Suchodolski, autor do tratado Teoria Marxista da Educação, e Ivan Illich, pensador austríaco.

O trabalho do educador pernambucano, segundo Gadotti, pode ser dividido em três etapas. Assim como aconteceu na histórica experiência de Angicos, em 1963, a primeira etapa, chamada de investigação, consiste na pesquisa do universo vocabular da comunidade de alfabetizandos. O objetivo da pesquisa é fazer o levantamento de palavras geradoras. São elas que levarão ao processo de aprendizado, desencadeando a associação com outras palavras. As palavras geradoras são escolhidas de acordo com sua riqueza silábica, seu



Belota (berloque de rede): para ensinar a adultos nordestinos, uma palavra do seu dia-a-dia

valor fonético e, principalmente, seu significado social para o grupo. A pesquisa é feita em conversas informais com moradores do lugar onde se vai utilizar o método.

Na segunda etapa, de tematização, inicia-se efetivamente a alfabetização. A tematização consiste em utilizar as palavras geradoras para codificar (representar) o modo de vida dos alfabetizandos, sempre dentro da realidade concreta. Um exemplo clássico é a projeção de um *slide* com a palavra tijolo, que aparece escrita sobre o tijolo de uma parede. Quando o alfabetizando apreende a escrita da palavra, é possível desmembrá-la para fazer a associação com outros vocábulos ou fonemas. A partir daí, surgem outros temas geradores e são elaboradas fichas para decomposição das famílias fonéticas. Já na década de 1950, o Método Paulo Freire incluía o uso do audiovisual, o que era uma inovação.

Desvelamento da realidade

A terceira etapa do método, a mais importante, o diferencia de todos os outros. É a problematização. Nessa fase, alunos e professores se integram na discussão dos temas, pois, para Paulo Freire, não basta ler: é preciso entender o que é lido e formar a consciência crítica. O objetivo do método é a conscientização, o

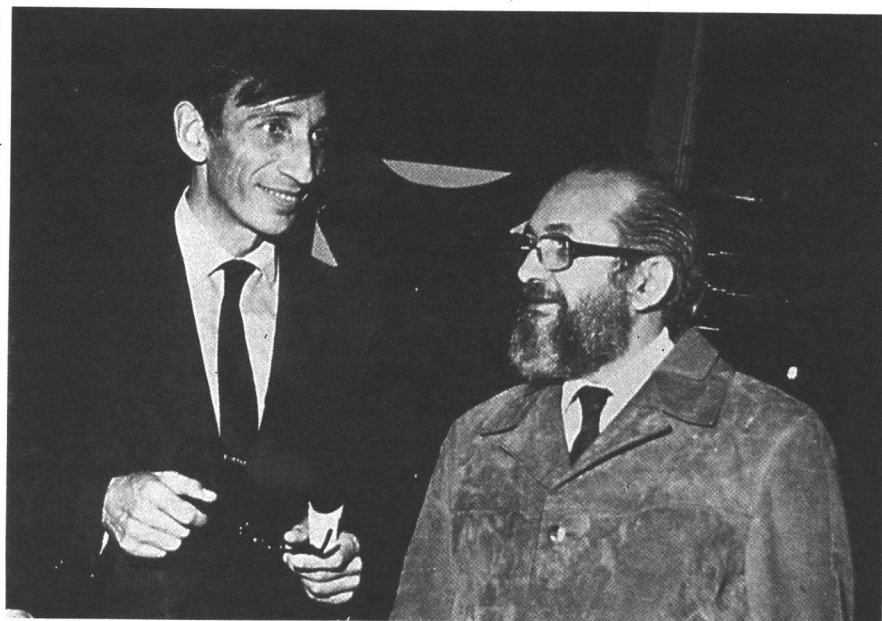
“desvelamento” (termo usado por Freire) da realidade, é descobrir suas tramas e partir para a ação transformadora. Se a palavra geradora era salário, por exemplo, a discussão podia desembocar na finalidade do salário, na legislação trabalhista, enfim, na justiça social.

Freire não gosta do termo conscientização, que considera insuficiente para definir o objetivo de seu método. O educador quer ir mais longe: “Alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão ainda não liberta os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la, desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão”, defende.

O homem que descobriu que com quatro centenas de palavras e 40 horas de trabalho se faz um cidadão, alerta para a diferença entre educação autoritária e educação libertadora. Na opinião de Freire, o professor autoritário apresenta a realidade como algo já feito, a que é preciso se adaptar e nunca transformar. O educador libertador convida seus alunos a pensar e a mudar. Com a palavra, Paulo Freire: “Esta é a forma radical de ser dos seres humanos enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo, e neste fazer e refazer se re-fazem. São, porque estão sendo.”

A obra de Paulo Freire no Brasil e no mundo

Arquivo Moacir Gadotti



Genebra, 1974: ao lado de Ivan Illich, um dos pensadores que influenciaram suas teorias

O método Paulo Freire nasceu em Pernambuco, no Movimento de Cultura Popular de Recife (MCP). No final da década de 1950, os integrantes do MCP, liderados por Freire, criaram os círculos de cultura, onde grupos de trabalhadores discutiam com os educadores temas escolhidos por eles. Não havia cartilhas, notas, decoreba. Era só sentar e conversar. Exercitar o diálogo, encontrar soluções, compreender, criticar. Os resultados eram tão animadores que Paulo Freire pensou: se é possível alcançar esse nível de discussão com círculos de cultura, por que não fazer o mesmo numa experiência de alfabetização?

Era a época da Aliança para o Progresso, idealizada pelo presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, para tirar a América Latina do subdesenvolvimento em dez anos. A experiência de Angicos surgiu nesse quadro, quando a Aliança para o Progresso fazia convênios na área educacional com o governo Aluizio Alves, do Rio Grande do Norte. Freire foi então convidado pelo governador para coordenar a alfabetização de adultos no estado. A meta era chegar a 100 mil alfabetizados até o final do mandato de Aluizio, em

1966. Freire aceitou mas, para evitar jogadas eleitoreiras, exigiu que o governador não visitasse a cidade durante o curso. Em compensação, o método ganhou dimensão nacional depois da visita do presidente João Goulart a Angicos. O resultado da experiência valeu: dos adultos inscritos – entre os quais, 94 domésticas, 46 operários, 38 agricultores, 15 pedreiros, comerciantes, motoristas, lavadeiras, bordadeiras, funcionárias, parteiras, mecânicos, um vaqueiro, um soldado, um jornalista, uma prostituta (33 profissões diversas) e cinco pessoas sem profissão –, 70 por cento foram alfabetizados.

Experiência importante

Também valeu num sentido mais amplo. Para o professor argentino Carlos Alberto Torres, que ensina Educação Internacional (na Universidade da Califórnia) e escreveu vários livros sobre a vida e obra de Paulo Freire, a experiência de Angicos foi importante porque “nasceu num pequeno povoado perdido na caatinga, símbolo da alfabetização política e do reconhecimento da sabedoria popular.” Angicos, afirma, “mostra

simbolicamente que a grande transformação de 1960 não chegou ao fim porque outros interesses políticos nacionais e internacionais impediram, e é uma grande lembrança de um processo que se iniciou em 1960, mas não terminou”.

Nos primeiros anos da década de 1960, o Nordeste era – como ainda é – uma região brasileira carente de transformação social. Metade dos 30 milhões de nordestinos era analfabeta, ou vivia na cultura do silêncio, como define Moacir Gadotti. O Brasil tinha então pouco mais de 70 milhões de habitantes, 42 por cento deles analfabetos, ou seja, cerca de 30 milhões. Três décadas depois, o último censo do IBGE encontrou 17.732.629 analfabetos no país, 18,4 por cento da população. O índice melhorou, é claro. Mas será que essa gente toda saciou a “fome da cabeça”?

A transformação social sonhada por Paulo Freire – através da educação e sem violência – “era um jogo muito arriscado para a classe dominante”, como reconheceu o educador, em 1979, em entrevista ao *Pasquim*. “O negócio era tão extraordinário que não podia continuar. Num estado como Pernambuco, que tinha naquela época aproximadamente 800 mil eleitores, era possível em um ano passar para 1,3 milhão. Em Sergipe, que tinha 300 mil eleitores, podia-se passar em um ano para 800 mil. E assim em todos os estados do Brasil. Na eleição presidencial (que seria em 1965) poderíamos ter cinco ou seis milhões de novos eleitores, já que a lei não permitia o voto do analfabeto. Ora, isso pesava demais na balança do poder”, analisou Freire, na mesma entrevista.

Empolgação

Mas o Brasil da Bossa Nova, do Cinema Novo, do Teatro Oficina, da UNE, das Ligas Camponesas acreditava que o sonho era possível. Naqueles anos ainda dourados, tudo indicava que havia condições de mudar o país. O presidente João Goulart tinha sido referendado pelo povo no plebiscito de janeiro de 1963: 9,5 milhões de eleitores escolheram o presidencialismo como sistema de governo, contra

dois milhões que preferiam a continuação do parlamentarismo. Munido de novos poderes, Jango lutava para emplacar o Plano Trienal, popularmente conhecido como das Reformas de Base. No famoso comício de 1º de maio de 1962, em Volta Redonda (RJ), nove meses depois da renúncia de Jânio Quadros, ele anunciou a intenção de realizar a reforma agrária, “disciplinar a aplicação interna do capital estrangeiro”, e uma reforma tributária que “não deixasse os recursos nas mãos daqueles a quem o processo inflacionário favorece com lucros desmedidos (...)”.

Depois da visita a Angicos, em abril de 1963, Jango deu mais um passo na direção do sonho: convidou o professor Paulo Freire para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização (PNA). A meta prevista era instalar 20 mil círculos de cultura em todo o país até 1964, ano em que aconteceu o golpe militar. Menos de dois meses depois do convite de Jango, o PNA era criado oficialmente e começava a se espalhar. Seguiram-se meses de muito trabalho e empolgação: capacitação de monitores (professores) e formação de turmas nos quatro cantos do Brasil. “Foi pouco tempo, mas deu para implantar a coisa em todo o país”, contou Paulo Freire em 1979.

Tempos depois, seguiu-se a inesquecível cronologia: 31 de março de 1964 – Minas está nas mãos dos militares e o general Mourão Filho marcha com suas tropas para o Rio; 1º de abril – o general Kruel, do II Exército, em São Paulo, adere ao movimento; Arraes é preso em Recife; 2 de abril – Jango parte de Brasília para Porto Alegre, na madrugada; o deputado Ranieri Mazzili é empossado como novo presidente, provisoriamente; 4 de abril – Jango exila-se no Uruguai.

Andanças

A caça às bruxas terminou alcançando Paulo Freire. No dia 16 de junho, bem cedinho, dois policiais bateram em sua casa para levá-lo preso. Ficou 70 dias na cadeia, respondendo a perguntas do tipo: “Nega o senhor que, com seu pretendido método, o que quer é tornar o país bolchevique (denominação dada à

extrema-esquerda da Rússia na Revolução de 1917)?” Durante esses dias, os militares tentaram de todo jeito provar que Freire era um “subversivo internacional”, dono de uma “ignorância absoluta” e “traidor de Cristo e do povo brasileiro”. Mas tiveram que se contentar com o arquivamento do inquérito por “inépcia da denúncia”, como conta Moacir Gadotti em seu livro.

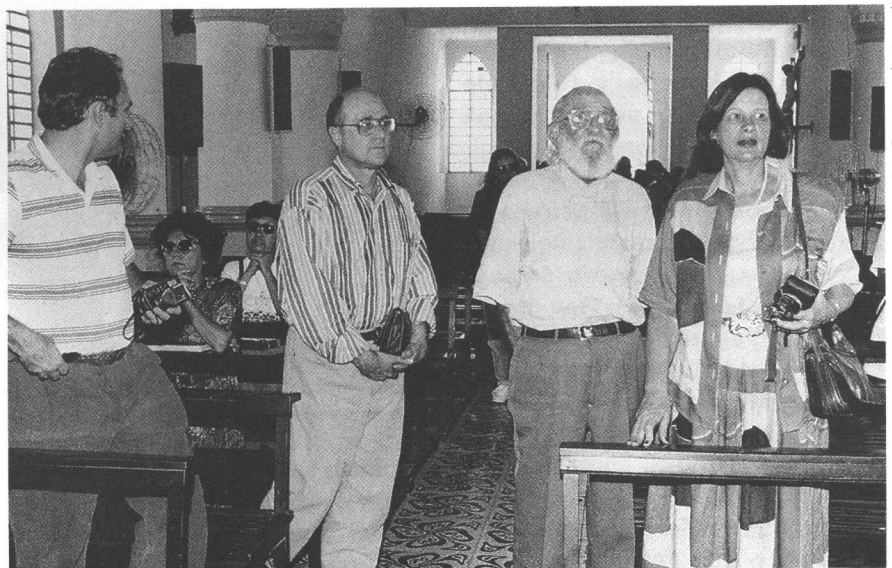
Se não puderam enquadrar Freire, os militares conseguiram afastá-lo do país. Prossegue Gadotti: “Depois dessa experiência na cadeia, Paulo Freire observou que, em tal clima de exacerbação e irracionalidade, seria muito, muito arriscado permanecer no país”. Diz ele: “Não tenho nenhuma vocação para herói. Acho que as revoluções, inclusive, fazem-se com gente viva e com um ou outro cara que morreu, mas não porque quis.”

Freire iniciou as andanças no exílio pela Bolívia, quando foi contratado pelo Ministério da Educação do governo Paz Estensoro. Mas outro golpe de estado o surpreendeu. E ele se mudou para o Chile, onde foi trabalhar com Jacques Choncol, então responsável pela reforma agrária do governo Salvador Allende. Ficou quatro anos e meio lá, ocupado com a elaboração do Plano de Educação em Massa e dando aulas na Universidade Católica de Santiago, além de ser consultor da Unesco (órgão da ONU para Educação e Cultura).

Encerrada sua missão no Chile, em 1969, Freire foi convidado para dois anos de trabalho na prestigiada Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Mas só aceitou ficar lá por seis meses, porque disse sim a outro convite, do Conselho Mundial de Igrejas, de Genebra, organização que desempenhou papel importante nos movimentos de libertação de países africanos.

Esperança

Em Harvard, Freire trabalhou como professor convidado do Centro de Estudos em Educação e Desenvolvimento e como associado ao Centro de Estudos de Desenvolvimento e Mudança Social, onde terminou de escrever o livro *Ação Cultural para a Liberdade*, no qual indicava os caminhos para o combate à invasão cultural dos países ricos. Em 1970, Freire aportava em Genebra. Lá, foi por dez anos consultor do Conselho Mundial de Igrejas, como conselheiro educacional de governos do Terceiro Mundo. No ano seguinte, um grupo de exilados brasileiros fundaria ali o Instituto de Ação Cultural (Idac), centro de pesquisas em pedagogia voltado para as questões sociais. Em 1975, surge a oportunidade que os integrantes do Idac esperavam: Freire e sua equipe são convidados para colaborar na elaboração do Plano Nacional de Alfabetização da Guiné-Bissau, país da África Ocidental que durante 15 anos vive-



Em Angicos, entre os educadores Carlos Alberto Torres, Moacir Gadotti e Ana Freire, sua atual mulher

Foto Emerson do Amaral

ra uma guerra de libertação contra os colonizadores portugueses e agora era presidido por Amílcar Cabral. À experiência na Guiné-Bissau seguiu-se o trabalho em São Tomé e Príncipe, outro país africano que acabara de se libertar dos portugueses.

Ao sair do Chile, Paulo Freire já era reconhecido mundialmente. Durante o governo de Allende, ele escrevera dois livros: *Pedagogia do Oprimido*, sua obra teórica mais importante e já traduzida para 17 idiomas, e *Educação como Prática de Liberdade*. O educador começa a *Pedagogia do Oprimido* discutindo a formação histórica da consciência dominada e sua relação com a consciência dominadora.

Paulo Freire é a maior referência mundial em alfabetização de adultos. Para se ter idéia de seu prestígio internacional, basta dizer que, em 1987, já havia seis mil títulos, entre livros e artigos, escritos sobre seu trabalho em língua inglesa. Seu currículo inclui títulos

de doutor *honoris causa* conferidos pelas mais conceituadas universidades do mundo, como a Open University de Londres, Universidade de Louvain (Bélgica), Universidade de Michigan (EUA) e Universidade de Genebra (Suíça). Em 1986, a Unesco lhe concedeu o Prêmio da Educação para a Paz. Também recebeu prêmios e homenagens de países como Bolívia, Espanha, Itália, Portugal, El Salvador, Suécia, França e Irã.

Em julho do ano passado, a *Pedagogia do Oprimido* ganhou uma espécie de segundo capítulo, a *Pedagogia da Esperança*, um livro quase autobiográfico em que Freire conta episódios de sua vida, faz uma autocritica a respeito de erros e acertos do passado e reafirma sua defesa da educação libertadora.*

A quem lhe pergunta por que esperança, num país com 32 milhões de miseráveis, machucado pela corrupção, a violência e a inflação descontrolada, Freire responde, no prefácio do livro: “É que a democratização da

sem-vergonhice que vem tomando conta do país, o desrespeito à coisa pública, a impunidade se aprofundaram e se generalizaram tanto que a nação começou a pôr-se de pé, a protestar. Os jovens e os adolescentes também, vêm às ruas, criticam, exigem seriedade e transparência. O povo grita contra os testemunhos da desfaçatez. As praças públicas de novo se enchem. Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. É como se a maioria da nação fosse tomada por incontida necessidade de vomitar em face de tamanha desvergonha.” Linhas abaixo, Freire sintetiza: “Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico. (...) Não há esperança na pura espera.”

(*) Também em 1994, recebeu o título de Grão Mestre da Ordem Nacional do Mérito Educativo, do Ministério da Educação e Cultura

Um educador que aprendeu com os oprimidos

Nascido em 19 de setembro de 1921, Freire descobriu, bem menino, que aprender era gostoso. À sombra das árvores do quintal da casa onde nasceu, no bairro de Casa Amarela, em Recife, aprendeu as primeiras palavras com os pais, o potiguar Joaquim Temístocles Freire, sargento do Exército, e a dona de casa, bordadeira e pernambucana Edeltrudes Neves Freire.

O professor Moacir Gadotti narra, em seu livro *Convite à Leitura de Paulo Freire*, essa importante etapa: “Sua alfabetização partiu de suas próprias palavras, palavras de sua infância, palavras de sua prática como criança, de sua experiência e não da experiência dos pais, fato que influenciaria seu trabalho, anos depois. Seu giz, nessa época, eram os gravetos da mangueira em cuja sombra aprendia a ler, e seu quadro-negro era o chão. A informação e a formação se davam num espaço



Com Elza, a primeira mulher (à esq.) e a filha Madalena: a volta do exílio, em 1979

informal, antecedendo e preparando-o para o período escolar. Era o pré-escolar vivido, livre, despretenso. Anos depois, o prazer sentido no aprendizado resultaria no prazer de

ensinar. Antes de terminar o secundário, Freire já dava aulas para crianças. Mas a experiência vivida a partir dos 10 anos de idade marcaria profundamente sua consciência e lhe

apontaria os caminhos da educação libertadora.

Sintaxe popular

Depois da crise de 1929, com o *crack* da Bolsa de Nova York e seus reflexos na economia mundial, a família Freire teve que se mudar para Jaboatão, a 18 km de Recife, onde a vida parecia mais fácil. Paulo Freire tinha 10 anos e aos 13 perdeu o pai. Os estudos foram adiados e a entrada no ginásio só se deu quando ele tinha 16 anos.

Em Jaboatão, jogando bola nas ruas, Freire conheceu filhos de camponeses e operários, que moravam nos morros ou à beira dos córregos. Nesse convívio, o menino fez a descoberta que norteou todo o seu trabalho futuro. “A experiência com eles foi me fazendo habituar com uma forma diferente de pensar e de expressar, que era exatamente a sintaxe popular, a linguagem popular, a cuja compreensão rigorosa me dedico hoje como educador popular”, recordou Freire, mais tarde.

Na convivência com meninos pobres, Paulo Freire não teve contato apenas com a linguagem popular, mas começou a se delinear ali o que mais tarde chamaria de Pedagogia do Oprimido: “A maneira como a maioria de seus pais nos tratava..., sua submissão ao patrão, ao chefe, ao senhor... Seus corpos de oprimidos, hospedeiros... dos opressores.”

Fim de carreira

Apesar da paixão pelo ensino que, como ele disse, surgiu depois dos 15 anos, o jovem Freire fez outra opção profissional: ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Nessa época, já trabalhava como professor secundário e conheceu a mulher que o ajudaria a tomar o rumo certo, Elza Maia Costa de Oliveira, alfabetizadora, cinco anos mais velha do que ele. Casaram-se em 1944, quando Freire tinha 23 anos. Tiveram cinco filhos e viveram juntos até a morte de Elza, em 24 de outubro de 1986. Foi Elza quem mostrou a Freire o que era o método global, então usado pelos

movimentos populares de alfabetização, que ensinava a partir da realidade concreta dos alunos e inspirou o Método Paulo Freire.

No final do curso de Direito, a idéia de se tornar advogado já estava superada. Em 1947, Freire iniciou outra experiência que colaborou na construção de seu trabalho como educador. Recebeu um convite para ocupar o cargo de diretor do Setor de Educação do recém-criado Serviço Social da Indústria (Sesi), onde ficou por oito anos em contato direto com operários. “A Pedagogia do Oprimido não poderia ter sido gestada em mim só por causa de minha passagem pelo Sesi, mas minha passagem pelo Sesi foi fundamental”, conta Freire no livro *Pedagogia da Esperança*. No livro, Freire cita um momento marcante que viveu nos anos 50, enquanto trabalhava no Sesi.

Depois de realizar uma pesquisa sobre a relação entre pais e filhos em diversas regiões de Pernambuco, Freire organizou uma série de palestras para as famílias dos alunos nos núcleos regionais do Sesi. A pesquisa havia desvendado a rigidez dos castigos impostos às crianças pelos pais em certas comunidades. A intenção era abordar a questão nas palestras e mostrar as vantagens da educação centrada no diálogo. No centro social do Sesi, em Casa Amarela, no Recife, um operário pediu a palavra depois da explanação de Freire. “Doutor Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já esteve na casa de um de nós?”, iniciou o homem seu discurso, que Freire jamais esqueceu. “Começou então a descrever a geografia precária de sua casa (...). Falou da falta de recursos para as mais mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos de um amanhã melhor. Da proibição que lhes era imposta de ser felizes. De ter esperança”, descreve Freire em *Pedagogia da Esperança*.

Lição contundente

“Uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as

crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, sem fome, e outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia para começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites, não é porque a gente não ame eles, não. É porque a dureza da vida não deixa muito para escolher”, concluiu o operário. Diante de tanta franqueza, Freire reconheceu depois: “Ele me deu talvez a mais clara e contundente lição que já recebi em minha vida de educador.” Freire percebeu então que não havia atentado para a realidade dura da sua imensa audiência. E que em suas palestras quase sempre partia de seu mundo e de seus valores, “como se esse devesse ser o sul que os orientasse”. Freire compreendeu definitivamente que “o educador ou a educadora progressista, ainda quando, às vezes, tenha de falar ao povo, deve ir transformando o *ao* em *com* o povo”.

Quando voltou do exílio, em julho de 1979, Freire disse, humildemente, que precisava “reaprender” o Brasil, e logo retomou suas atividades. Entre 89 e 91 assumiu a Secretaria de Educação de São Paulo, no governo Erundina. Como diz o professor Moacir Gadotti, chefe de gabinete de Freire nessa época, ele “está vivo, atuante, mudando com a própria história, fazendo planos”. Para quem acha que o sonho acabou, o educador – hoje, morando em São Paulo com a segunda mulher, Ana Maria Freire, também educadora –, escreve em sua última obra, *Pedagogia da Esperança*: “A nova experiência do sonho se instaura, na medida em que a História não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua. A compreensão da História como possibilidade e não determinismo, seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e por isso o nega.” (S. L)

ELIANE SONDERMANN E SIMONE LIMA